

Cadernos Jurídicos

Ano 21 - Número 56 - Outubro-Dezembro/2020

Winnicott: aportes da Psicanálise para apoio das decisões do Judiciário



Escola Paulista da Magistratura
São Paulo, 2020

Agressividade e o desenvolvimento da capacidade de amar e de se responsabilizar

*Sandra Tschirner*¹
Psicóloga

Resumo: O tema da agressividade pode ser abordado sob vários aspectos e pode ser tratado de forma a levar à compreensão de que é uma expressão que merece ser evitada, por ser decorrente de privação, deprivação, ou entendido como um “transtorno” que precisa ser tratado. Este trabalho visa expor o tema da agressividade do ponto de vista da teoria de Winnicott. Para esse autor, a agressividade acompanha, integra e é parte constituinte do desenvolvimento emocional primitivo, desde sua origem nos primórdios da vida pós-natal, passando pelos primeiros meses de vida e pela infância até a vida adulta. Winnicott nos apresenta uma maneira de ver e compreender que a agressividade é transformadora, constituinte de um modo de ser e principal componente da capacidade de amar. A elaboração da agressividade resulta também e principalmente no desenvolvimento da capacidade de se responsabilizar pelo resultado de suas atitudes.

Palavras-chave: Agressividade. capacidade de amar. desenvolvimento emocional. capacidade de se responsabilizar.

Introdução

Disputa de guarda, alienação parental, abuso sexual, adoção, tendência antissocial, delinquência e outras, são questões que se apresentam no dia a dia do Tribunal de Justiça. Essas questões envolvem necessariamente amor, capacidade de amar, agressividade, ódio, e capacidade de se responsabilizar por si, pelas próprias atitudes e pelos compromissos assumidos.

Podemos nos perguntar: o que é ser um indivíduo adulto? O que é ser pai e mãe? O que é necessário para cuidar de uma criança? Penso que a resposta a essas questões é tão simples de responder quanto complexa de compreender e elaborar. Ser pais vai além da fecundação, gestação e nascimento de uma criança. Vai além do cuidado técnico com alimentação, vestuário e atividade escolar. Ser adulto, pai, mãe ou cuidador é SE RESPONSABILIZAR, por si, pelos compromissos assumidos e pelas pessoas que nos comprometemos a cuidar.

Há muito o que se dizer a respeito de como manejar as situações de amor e ódio. Entretanto este trabalho não abrange as questões de manejo, mas de um exame do impulso agressivo no decorrer do processo de desenvolvimento emocional, começando

¹ Mestre em Psicologia pela PUC-SP; Doutora em Saúde Mental pela Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp, Membro do Espaço Potencial Winnicott do Instituto Sedes Sapientiae e Professora e coordenadora do curso “Winnicott Experiência e Pensamento” do Instituto Sedes Sapientiae; Curso “Aprofundando o Desenvolvimento Emocional” de Winnicott aplicado às práticas judiciais na Escola Paulista da Magistratura.

pelo primitivo e sua evolução para a idade adulta, a fim de avaliar sua importância na constituição e organização da vida psíquica, da constituição da identidade, do sentido de Eu e da capacidade de amar e de se responsabilizar. Esta exposição pretende acionar no leitor a consideração ou revisão de seus conceitos e postura, de acordo com sua personalidade, para o exercício de sua atividade e responsabilidade pessoal e profissional acerca deste assunto.

Amor e ódio estão presentes desde o início da vida e em todas as relações e ações humanas, da infância até a idade adulta. A agressividade é uma expressão de impulsos. A expressão desse impulso é geralmente atribuída como reação a agentes externos, raramente como parte do mundo e da condição interna. O impulso agressivo é, geralmente, entendido como perigoso, destrutivo, como algo que deve ser reprimido, sublimado, ou descarregado através de exercícios físicos. A pessoa que expressa sua agressividade precisa ser castigada, punida ou passar por treinamento para aprender a dosar seus impulsos agressivos.

Para Winnicott a agressividade **não significa maldade e a agressividade** madura não é algo a ser curado e expulso, mas notado e consentido. Os impulsos agressivos fazem parte do ser humano. Como todo impulso, deve ser observado e elaborado, uma vez que faz parte da natureza humana. O impulso agressivo é parte integrante do amor. Perder o impulso agressivo significa perder a capacidade de amar e possivelmente de se responsabilizar. Responsabilidade compreende um processo que depende da elaboração dos impulsos agressivos desde o início do desenvolvimento emocional. Ser responsável não significa apenas conter ou expulsar (falsamente) a maldade ou evitar danos, mas implica valorizar o outro, assumir e reparar aqueles que possam ter ocorrido.

Os estágios expostos são constituídos a partir do início da vida extrauterina, e seu desenvolvimento emocional ao longo da vida. Todos os adultos possuem essas questões iniciais, elaboradas ou não, presentes a cada movimento que se apresenta na vida adulta, nas tomadas de decisões e relacionamentos. A elaboração dessas questões faz parte da constituição do EU SOU do ser humano, presente em cada um.

Estágio Inicial, não integração, motilidade espontânea: pré-preocupação

No início da vida, o bebê encontra-se em uma condição psíquica de não integração. Isto significa que a criança é um corpo sem unidade e um psiquismo que existe apenas como potencial hereditário para se desenvolver. Esta condição implica um estado fusional, sem distinção de eu nem de outro, de dependência absoluta com um cuidador que funciona como um ego auxiliar para detectar, compreender e prover as necessidades do recém-nascido. Esse cuidador pode ser a mãe biológica, a mãe adotiva, uma mulher, um homem, enfim, qualquer pessoa que consiga estar neste estado de identificação tal que consiga compreender, acolher e satisfazer as necessidades do recém-nascido.

Aos poucos, devido aos cuidados recebidos, o potencial hereditário começa a se atualizar, o desenvolvimento emocional do bebê tem início e a diferenciação entre eu e **não-eu** começa a ocorrer. A princípio não existe para o bebê a distinção entre interno e externo, nem a percepção de ser cuidado por alguém, sequer do ambiente em que está inserido. A pessoa que cuida (mãe objeto) e o ambiente (mãe ambiente) se confundem a partir da experiência da criança.

O desenvolvimento do bebê começa na dependência absoluta, e caminha pela dependência relativa rumo à independência, se tudo der certo.

Antes mesmo de nascer, o bebê apresenta no útero atividade motora impulsionada pela excitação instintiva. Após o nascimento os movimentos espontâneos do bebê, que podem ser interpretados por um observador como agressão, não existem com o propósito de machucar ou ferir. Esta motilidade é apenas excitação, oriunda de seus impulsos. Não está relacionada a reação a qualquer estímulo externo, nem à frustração, até mesmo porque a distinção entre interno e externo a princípio não existe. Assim, não há por parte do bebê qualquer intenção de machucar ou preocupação pelo resultado de seus movimentos espontâneos.

Esses movimentos espontâneos do bebê, nesta fase inicial, proporcionam ao mesmo tempo limite, encontro e a presença do outro. O encontro do corpo do bebê, tendo a pele como limite, no contato com os objetos e também com o corpo da mãe, começa a delimitar o contorno do seu próprio corpo. A experiência de motilidade e encontro da pele com os obstáculos facilita a personalização, a integração psicossomática, ou seja, a criança passar a habitar no seu corpo, começa a perceber e controlar seus impulsos e movimentos.

A experiência proporcionada pela motilidade dá início ao desenvolvimento da integração psicossomática, mas o encontro do corpo do bebê com obstáculos externos também possibilita o início da constituição de interno e externo do que é não-eu, da constituição do EU e da alteridade. Essa experiência é física, mas também impulsiona a atividade mental, de representação e memória de suas atividades e encontros. A atividade mental significa que a criança passa a ter registros mnêmicos dessas experiências e a relacioná-las entre si. Esta experiência dá início à relação com os objetos, e à inserção do princípio da realidade. O ambiente começa a existir a partir da experiência do bebê.

D. Winnicott entende que neste momento ambos os impulsos estariam fundidos, e a essa fusão denominou “amor primitivo”. “A agressão faz parte do amor” (WINNICOTT, 1993a, p. 357). O amor primitivo inclui ataques imaginários e físicos ao ambiente porque ele ainda não tem noção plena de sua existência. Há crueldade nos ataques. Quando o bebê suga e morde o seio da mãe impiedosamente, ele o faz para tirar dela tudo o que ele sente que há de bom. O bebê passa por momentos tranquilos e excitados. Ele também morde o seio quando está excitado. “O bebê só morde quando está excitado e não sabe, simplesmente, o que fazer com essa excitação” (WINNICOTT, 1987a, p. 91).

Podemos dizer que o impulso amoroso primitivo tem qualidade destrutiva e cruel, embora não haja a princípio, por parte do recém-nascido, a intenção de destruir, machucar ou maltratar quem exerce seus cuidados. Para Winnicott, nesse ponto do desenvolvimento, motilidade, mordidas, excitação e “agressão” fazem parte da expressão primitiva do amor. Perder a capacidade ou não demonstrar sua “agressão” implica perda de capacidade de relacionar-se com objetos, de descobrir a si mesmo e ao ambiente.

Estágio de integração, agressividade pretendida (posição depressiva)

O bebê exaure os pais com sua motilidade e excitação. A princípio “ele os esgota sem saber”. Mas, na evolução do processo de desenvolvimento, quando a separação tem início, isto torna-se uma forma de comunicação: “o bebê espera que os pais gostem que ele os esgotem”. Este é o princípio de uma percepção do ambiente quando ainda não se

tem o controle do impulso. Porém, quando a separação é um fato a agressão passa a ser pretendida, o bebê “esgota-os quando está furiosa com eles” (WINNICOTT, 1987a, p. 91).

Nesse momento do desenvolvimento a criança está em seu processo de integração, que significa tornar-se uma unidade (corpo e psiquismo), o que possibilita a ela o início da percepção do não-eu, que inclui o cuidador² como uma pessoa separada dela. Com o desenvolvimento egóico e da integração, o bebê torna-se capaz de não somente perceber o cuidador como separado, mas de avaliar a figura cuidadora como total, aquela que cuida, satisfaz e frustra, mas permite a avaliação da dependência do bebê com relação a ele.

Quando o cuidador frustra o bebê, não satisfazendo totalmente suas necessidades, a frustração gera uma forma de ansiedade devido à ambivalência: a experiência de amor e de ódio pela mesma pessoa, aquela de quem se depende. A frustração gera raiva e não ódio. A raiva é transformadora e constitutiva do Eu pois faz parte do amor cruel. Sua contenção ou atuação permite ou evita a fusão dos impulsos agressivos e afetivos. A tolerância à ambivalência implica uma capacidade que é conquistada à medida em que há crescimento, amadurecimento e integração do ego.

A frustração é constitutiva, uma vez que a criança precisa providenciar algo para suportar a ambivalência. Inicialmente a raiva decorrente da frustração pode gerar a cisão entre os componentes agressivos e afetivos do amor, o que permite a destruição da figura frustradora. A ambivalência inicial promove a cisão entre os impulsos afetivos e agressivos como forma de resolver a impossibilidade de suportá-la.

Na cisão, o frustrador fica destituído de seus atributos afetivos podendo, portanto, ser atacado. O frustrador passa a ser visto como alguém mau, o que legitima a agressão por ter sido ele o responsável pela frustração. Uma situação típica desta condição inicial é quando o bebê está faminto e o cuidador demora mais tempo que o suportável para a criança para satisfazer sua necessidade. Geralmente, a princípio o bebê rejeita o alimento. Somente quando dominada a raiva é possível para ele aceitar e usufruir do alimento oferecido pelo cuidador. Outra situação desse tipo, como defesa à intolerância à ambivalência, ocorre quando uma pessoa (pode ser uma pessoa adulta que não conseguiu elaborar ou constituir ou suportar a ambivalência) não consegue ver ou suportar atributos positivos na pessoa que a frustrou. Promove o ataque como se ela fosse inteiramente má.

O progresso do desenvolvimento egóico, físico e emocional, permite que a agressão seja pretendida pela criança e sentida como tal pelas pessoas. A agressão é uma experiência tanto física como acompanhada por ideias. Há na criança a capacidade de sentir, avaliar a situação e agir. “Toda vez que um comportamento tem um propósito, há intenção de agredir [...]. A agressão não pode ser avaliada sem o impulso agressivo”. (WINNICOTT, 1993a, p. 356).

O desenvolvimento também permite a avaliação do cuidador como pessoa total, que satisfaz e frustra, e a raiva dirigida a essa pessoa gera preocupação. Uma das principais preocupações é a ameaça de abandono. A preocupação inclui a figura total, o temor de cometer danos e a ameaça de abandono traz consigo a capacidade de sentir ansiedade e culpa. Como impedimento e/ou punição ao dano que se sente ter feito à pessoa amada e odiada, durante a fase excitada, uma parte da agressividade se volta contra o ego para

² Me refiro à figura cuidadora ou cuidador e não à mãe, porque esta pode ser a mãe, ou qualquer outra pessoa que se responsabilize em fornecer os cuidados que o bebê necessita.

impedi-lo de destruir a pessoa também amada, ou há reparação dos danos cometidos. Sem a possibilidade de integração dos impulsos afetivos, na cisão, a raiva pode então transformar-se em ódio contra a pessoa que frustra ou contra si mesmo em forma de culpa impiedosa.

Quanto mais jovem for a criança, menor será sua capacidade para manter viva em si mesma a idéia de uma pessoa; quer dizer, se ela não vir uma pessoa, ou não tiver provas de sua existência em x minutos, horas ou dias, essa pessoa estará morta para ela. (WINNICOTT, 1987b, p. 15)

Para Winnicott a ausência do cuidador ou sentimento de ter cometido algo mortal contra a pessoa de quem se depende gera culpa e, como consequência, depressão. Esse sentimento pode ser estendido por toda a vida. Para “pessoas depressivas de qualquer idade elas têm dificuldade em manter viva a idéia daqueles a quem ama, talvez até quando estão no mesmo quarto”.

Com a progressão do desenvolvimento físico e emocional a reparação permite a integração entre os impulsos. A ameaça do abandono da pessoa de quem se depende vai sendo amenizada à medida em que a integração e constituição do Eu vai sendo adquirida e a independência vai sendo conquistada. As consequências de suas excitações e ataques podem ser avaliadas e as defesas egóicas podem ser acionadas.

Na segunda metade do primeiro ano de vida, o bebê já pode perceber que a pessoa amada também o frustra. Em função do amor que tem pela pessoa cuidadora, e do temor de ser abandonada por ela, a criança a princípio também depende desse cuidador para suportar a ambivalência, controlar seus impulsos e, no caso de não conseguir, poder reparar os danos cometidos contra ele.

A ajuda de um ambiente pessoal, vivo e acolhedor, é fundamental para o desenvolvimento do bebê, a descoberta de sua capacidade de dar, construir e reparar danos que eventualmente tenha feito. O reconhecimento do impulso agressivo como algo que pode ser contido por ele ou por uma autoridade acolhedora o suficiente para impedir os danos que a agressividade poderá causar, resulta na crença de uma bondade interna, e na confiança em si próprio e no ambiente. No amor, o impulso agressivo pode ser expresso porque existe a confiança na bondade interna e no acolhimento externo. Neste caso, a experiência da agressividade não é destrutiva, pelo contrário, faz parte e é componente do amor e de estar vivo, e a culpa não é expiatória, mas é geradora de reparação. A possibilidade de reparar implica confiança na bondade interna e na bondade do outro de aceitar a reparação dos danos. A reparação pode amenizar o sentimento de culpa. Portanto, a experiência de amar e estar vivo depende da integração dos impulsos agressivos e afetivos, da confiança no acolhimento externo e na bondade interna, e na possibilidade de reparação.

O acolhimento dos impulsos agressivos e a necessidade de contê-los para evitar danos ou acionar mecanismos reparatórios está na base da “moralidade inata” que é desenvolvida desde o início da vida. A pessoa, criança ou adulto que consegue reconhecer o bom do outro pode conter-se para preservá-lo. A ambivalência pode ser elaborada pela contenção do impulso ou pela reparação dos danos. A crença na bondade interna minimiza o sentimento de maldade ou crueldade interna e promove um ciclo benigno que inclui não somente a capacidade de conter ou reparar danos, mas também de reconhecer no

outro essa capacidade. Existe o sentimento de culpa no ciclo benigno, mas sem retaliação de si ou de outro.

Quando falamos de pessoas que expressam seus sentimentos destrutivos ou agem com crueldade na relação com outros, a promoção do ciclo benigno pode reverter o processo e favorecer o desenvolvimento da capacidade de suportar a ambivalência, de conter o ódio e a possibilidade de reparação. Crianças que quebram brinquedos e conseguem concertá-los, adultos que ofendem e magoam pessoas e conseguem pedir desculpas ou desculpá-las podem entrar nesse ciclo benigno, com a ajuda de um ambiente acolhedor de seus atos e atitudes.

O ciclo benigno pode ser constituído e perder-se. Para que ele se configure como um modo de funcionamento é necessário que a sustentação ambiental permaneça por um período suficiente, até que uma certa independência da criança no ambiente seja constituída. A perda do ambiente benigno pode se constituir em uma tendência antissocial.

Quando existe uma tendência anti-social, houve um verdadeiro desapossamento (não uma simples carência); quer dizer, houve perda de algo que foi positivo na experiência da criança até uma certa idade, e que foi retirado; a retirada estendeu-se por um período maior do que aquele em que a criança pode manter viva a lembrança da experiência. A descrição abrangente da privação inclui o antes e o depois, o ponto exato do trauma, a persistência da condição traumática, e também o quase normal e o claramente normal. (WINNICOTT, 1987b, p. 131)

Uma criança normal, se tem confiança nos pais, usa todos os meios possíveis para se impor. Com o passar do tempo, põe à prova o seu poder de desintegrar, destruir, assustar, cansar, machucar, manobrar, consumir e apropriar-se. Tudo que leva as pessoas aos tribunais e aos manicômios tem seu equivalente na infância normal, na relação da criança com seu próprio lar. A criança precisa ter antes de mais nada um quadro de referência se quiser sentir-se livre e se quiser ser capaz de fazer seus próprios desenhos, ser uma criança irresponsável e brincar. A experiência da criança, mais um quadro de referência acolhedor que sustenta a situação, colabora para que ela encontre seu próprio modo de ser.

Entretanto, a retaliação do ambiente à **raiva dirigida** a ele pela criança, ou o exercício de uma autoridade rígida e cruel contra seus ataques, pode gerar um tipo de funcionamento que promove a ocorrência do amor e ódio em linhas separadas. Esta clivagem gera divisão em bons e maus. A inconfiabilidade no ambiente torna o sentimento de culpa intolerável para a criança. Os impulsos agressivos, sem acolhimento externo, podem ser dirigidos como ataque ao próprio ego para impedir que eles danifiquem as pessoas. Isto gera na criança a crença de uma maldade interna que deve ser controlada ou expulsa, e a consideração de estar repleto do que é mau e persecutório.

Com relação ao controle externo da agressividade pela autoridade, Winnicott (1987a, p. 95) propõe:

É tarefa de pais e professores cuidar para que as crianças nunca se vejam diante de uma autoridade tão fraca a ponto de ficarem livres de qualquer controle, ou, por medo, assumirem elas próprias a autoridade. A assunção da autoridade provocada por ansiedade

significa ditadura, e, aqueles que tiveram a experiência de deixar as crianças controlarem seus próprios destinos sabem que o adulto tranquilo é menos cruel, enquanto autoridade, do que uma criança poderá se tornar se for sobrecarregada com responsabilidades.

Amor e agressão destituídos do componente inverso significam dissociação, ou cisão. No amor está sempre e necessariamente contido a integração entre o impulso agressivo e o afetivo. Perder o impulso agressivo resulta na perda do amor e, inversamente, perder o impulso afetivo resulta em ódio. Nestes casos, atuam as defesas contra os impulsos e não a integração entre eles. A criança passa a viver em seu mundo interno, onde concentra o bom e projeta o mau. O mundo externo torna-se persecutório, e o ataque torna-se ataque-em-defesa.

A retaliação do ambiente ao ataque também pode gerar perda de confiança na bondade e a crença na maldade interna e das pessoas. Como defesa podemos ter a diminuição e até mesmo a perda do sentimento de culpa, o que possibilita ataques raivosos às pessoas que promovem frustração. A crença na maldade também dificulta a integração entre os impulsos agressivos e afetivos. Como defesa podemos ter o retrocesso, a inibição e perda do impulso afetivo. A inibição ou a perda do impulso afetivo resulta também na perda do amor.

Controlar seus impulsos ao invés de inibi-los dá origem ao processo de diferenciação do que é interno e externo, do que está dentro e fora de si, entre o que é real e o que é fantasia. A ponte entre o mundo interno e o externo é o sonho, os jogos e a fantasia. A criança normal, ajudada por seus cuidadores, pode adquirir a capacidade de controlar-se. Desenvolve um ambiente interno bom.

Quando uma família se desfaz, e há desentendimento entre os pais, a criança perde o quadro de referência familiar. Isso a faz sentir-se livre. Entretanto, esse sentimento de liberdade faz com que ela perca o sentimento de segurança que os parâmetros de controle e cuidados com seus impulsos lhe fornecem. Do mesmo modo, quando os pais dão à criança referências distintas, o efeito se repete. A perda de controle e referência distintas para o mesmo fato gera angústia.

A guarda compartilhada só é possível quando os pais podem dar, conjuntamente, as mesmas referências às crianças. Quando há alienação parental, o que se destitui é o ambiente interno bom da criança, representado pelo cônjuge denegrado. A criança que não tem referência em casa, cuja referência familiar é confusa, ou cuja boa experiência com o cuidador é denegrada, trata de encontrar um outro quadro de referência fora do lar.

Assim afirma Winnicott (1987b, p. 121): “A criança cujo lar não lhe ofereceu um sentimento de segurança busca fora de casa as quatro paredes. Procura uma estabilidade externa sem a qual poderá enlouquecer”.

No caso da criança antissocial doente, por exemplo, não tendo tido a oportunidade de criar um ambiente interno bom, necessita absolutamente de um controle externo se quiser ser feliz, capaz de brincar e trabalhar ou será preciso a Lei para poder preservar a si e a outros. “A criança anti-social está simplesmente olhando um pouco mais longe, recorrendo à sociedade em vez de recorrer à família, parentes ou à escola para lhe fornecer a estabilidade de que necessita” (WINNICOTT, 1987b, p. 121).

As experiências iniciais que não possibilitaram que a integração entre os impulsos amorosos e agressivos se efetuassem em função da inconfiabilidade da criança no ambiente geram possibilidade de medo de retaliação. A retaliação do ambiente, a autoridade

coercitiva nesse caso, para qualquer criança, mas especialmente para a criança com tendência antissocial, pode gerar inconfiabilidade na bondade interna e torna o sentimento de culpa intolerável.

Como defesa ao ataque pode haver inibição do impulso agressivo por meio da culpa ou medo. A expressão dessa condição pode ser o sentimentalismo, quando são expressos predominantemente os impulsos amorosos dissociados dos agressivos, o que coloca em outra perspectiva a ideia de amor. A inibição dos impulsos agressivos se faz por um forte sentimento de culpa e não pela integração e predominância dos impulsos afetivos sobre os agressivos. No sentimentalismo há ódio recalçado ou inconsciente e esse recalçamento não é saudável. Mais cedo ou mais tarde ele vem à tona.

Outra possibilidade é a inibição do sentimento de culpa, o que libera a possibilidade de ataque. Esta condição prejudica o desenvolvimento da capacidade de se responsabilizar e se preocupar pelo ambiente.

Posição depressiva – *concern*³

Para Winnicott (1993a), existe na criança, ao nascer, um potencial hereditário do desenvolvimento contendo um impulso amoroso primitivo (id), casualmente destrutivo quando ainda não há a capacidade de assumir responsabilidade. Na dependência absoluta, o relacionamento predominante é dual e ainda há a necessidade do cuidador para conter os impulsos para o início de um relacionamento com o ambiente. Podemos localizar a posição depressiva como o início da possibilidade de desenvolvimento de uma certa independência, o que implica a possibilidade de experiência e aquisição das referências por meio das próprias experiências.

Winnicott (1993a) afirma que, embora a posição depressiva seja um estágio normal do desenvolvimento de bebês saudáveis, ela pode ser considerada “como uma conquista” pois nem sempre é atingida. Uma criança ou adulto que atingiu as relações interpessoais teve necessariamente que passar e ultrapassar a posição depressiva para chegar às relações triangulares.

Uma criança que ainda está elaborando uma vida pulsional e ainda precisa ser sustentada por um cuidador, mesmo que isso signifique uma relação interpessoal, ainda não atingiu a posição depressiva. Entretanto, é necessário que esse primeiro momento tenha sido satisfatório em termos de acolhimento externo e desenvolvimento interno. “A posição depressiva é uma conquista que faz parte da época do desmame” (WINNICOTT, 1993a, p. 438), segue em seu desenvolvimento desde a segunda metade do primeiro ano de vida e se fortalece gradualmente pela vida afora.

O início da posição depressiva se estabelece na passagem entre a pré-remorso e o remorso. O cuidador passa a ser reconhecido pelas suas qualidades de cuidados e esses passam a fazer parte dessa pessoa. Surge a afeição. Mas o cuidador também incorpora qualidades negativas que não dependem somente dos cuidados, mas de seu estado de tranquilidade ou excitação do bebê. Por isso há dificuldade de aceitar o fato de ser o mesmo cuidador com qualidades tão distintas. As funções e elaborações imaginativas ainda

³ Este termo não era considerado por Winnicott como adequado. Ele preferia usar o termo *preocupação* ou *concern*. Esse termo é geralmente utilizado para designar uma doença e para ele este é um processo normal no desenvolvimento (WINNICOTT, 1954, p. 440).

não conseguem distinguir entre fato e fantasia. A ajuda ambiental nesse caso e a sobrevivência do cuidador aos ataques são imprescindíveis até que seja possível suportar o seu desaparecimento e aguardar seu retorno. O bebê começa gradualmente o reconhecimento e a distinção do fato, fantasia, realidade externa e interna. Na criança em desenvolvimento, e imersa em um ambiente favorável, essa distinção promove o sentimento de culpa e dá início ao processo de reparação.

Quando uma criança, com quem tudo ia bem do ponto de vista de seu desenvolvimento, tem essa situação perturbada por algo e perde as condições favoráveis em momento em que ela ainda não tem suficiente independência ou capacidade de se defender desenvolvidas, o resultado será a perda das defesas já conquistadas. O resultado pode ser chamado de privação.

Se uma criança não atinge a posição depressiva ou fracassa por algum motivo (na fantasia ou como fato), o resultado da perda é a depressão. Nesse caso, estamos apontando uma situação onde houve um fracasso da experiência de cuidados. Estamos falando de privação. Portanto, tanto a privação como a deprivação são resultado de insuficiência de fornecimento de condições para que a criança possa se desenvolver. A introjeção do objeto perdido, fica lá, internamente sujeita ao ódio.

As crianças que não puderam ter condições favoráveis de desenvolvimento, nem um lar que pudesse acolhê-las, e aquelas que tiveram essas condições e perderam, podem, de alguma forma, com um ambiente favorável, reconstituir o objeto bom perdido ao elaborar a perda e até mesmo o ódio. Para Winnicott (1993a) “A depressão é um mecanismo curativo”; em ambos os casos a representação interna do objeto externo bom perdido e agora odiado permite que, com o tempo, a elaboração aconteça.

Winnicott (1987b, p. 124) aponta:

Se isso for feito (seja por um período de complacência ou diretamente numa entrevista psiquiátrica) então, a criança pode retomar ao período que antecedeu o momento da privação e redescobrir o objeto bom e o bom ambiente humano controlador que, por existir originalmente, tornou-a capaz de experimentar impulsos, inclusive os destrutivos.

Mesmo após ter experimentado condições desfavoráveis para seu desenvolvimento, a partir da experiência de acolhimento em um ambiente favorável a posição depressiva e a capacidade de se preocupar podem ser adquiridas, pois elas envolvem a retenção de experiência de bom e mau em imagens que permitem comparação no mundo interno. Na elaboração das experiências, a comparação e a ambivalência podem ser experimentadas assim como o controle dos impulsos pode ser estabelecido na fantasia dramatizada, sem sufocação séria dos instintos. Quando há esperança, no que se refere às coisas internas, a vida instintiva será ativa e o indivíduo pode usufruir do uso de impulsos instintivos, incluindo os agressivos, convertendo em bem na vida real e social o que era dano em fantasia. Isto constitui a base do brincar e do trabalho.

A criança tem que fazer alguma coisa para elaborar seus impulsos agressivos quando não consegue o acolhimento de que necessita. A criança pode se reorganizar com base em um novo modelo de defesa do ego, inferior em qualidade, como a cisão, a intolerância à ambivalência e a descarga dos impulsos através de *acting out*. Pode também organizar atos

antissociais na esperança de compelir a sociedade a retroceder com ela para a posição em que as coisas deram errado e a reconhecer esse fato.

Embora tenha significados distintos, tanto as crianças com tendência antissocial quanto aquelas que tiveram desenvolvimento satisfatório tendem a controlar seus impulsos pondo pra fora o seu íntimo. Dramatizando exteriormente o mundo interior, onde representa a si mesmo o papel destrutivo, elas provocam seu controle por uma autoridade externa. Outra possibilidade de controle ocorre quando, ao invés do brincar e fazer elaboração simbólica, acionam o *acting out* sob forma de palavras, chutes, danças e lutas para escoar a energia represada pela excitação. Esta situação promoveria a fantasia de controle dos impulsos pela expulsão da maldade, adquirindo domínio interno dos impulsos. Winnicott (1987a, p. 91) afirma:

Um menino que luta boxe ou chuta bola sente-se melhor com o que está fazendo, em parte porque gosta de agredir e dar pontapés e em parte porque sente inconscientemente (falsamente) que está expulsando a maldade através dos punhos e dos pés.

As crianças de modo geral atingem a posição depressiva quando têm esperança na conquista do bom e no controle interno dos impulsos que passam a ser feitos pela dramatização. Quer seja em fantasia ou no brincar pelo sentimento de culpa, a preocupação e a responsabilidade pelos danos cometidos passam a ser experimentados e geram reparação. A delinquência implica necessariamente perda de esperança e da capacidade de se preocupar.

Assim afirma Winnicott (1993a, p. 448):

A criança saudável tem uma fonte pessoal de sentimento de culpa e não é necessário ensinar-lhe a sentir culpa ou preocupação. Evidentemente, uma percentagem de crianças não é saudável neste sentido, não tendo alcançado a posição depressiva, sendo necessário o sentido de certo e errado.

Além da culpa, na posição depressiva para Winnicott está contida o “*concern*” ou a capacidade de ser preocupar, na qual estão implícitas condições que vão além do sentimento de culpa e exigem o desenvolvimento além da condição egóica. O “*concern*” contém a possibilidade e a capacidade do indivíduo de se importar, valorizar e principalmente se responsabilizar pelos resultados de suas atitudes. Winnicott (1990, p. 70) destaca a diferença entre culpa e “*concern*” (preocupação):

A palavra “preocupação” é empregada para expressar de modo positivo um fenômeno que em seu aspecto negativo é expresso pela palavra “culpa”. O sentimento de culpa é a ansiedade ligada ao conceito de ambivalência e implica certo grau de integração do ego do indivíduo que possibilita a retenção de imagens de bons objetos concomitante com a ideia de destruição dos mesmos. Preocupação implica em maior integração e crescimento e se relaciona de modo positivo com o sentimento de responsabilidade do indivíduo, especialmente no que concerne aos relacionamentos em que entram os impulsos instintivos.

No sentido de responsabilidade está implícito um desenvolvimento egóico que se tornou independente do ego auxiliar do cuidador, que é capaz de conceber as pessoas como completas, mas exige também um desenvolvimento complexo, que é a capacidade de identificar-se e colocar-se no lugar do outro. Não se trata aqui de uma condição moral de certo e errado, mas de uma questão ética de valorização e respeito.

A tarefa do adulto suficientemente bom consiste em ser autoridade a princípio e se retirar quando uma maturidade da criança for possível, para impedir que a agressão não fuja ao controle e ao mesmo tempo possibilitar sua dramatização. A negação inconsciente da destrutividade está subjacente e na base da construção. É devastador para a criança em desenvolvimento fazer com que ela tenha que demonstrar formas diretas de sua destrutividade. Na criança em processo de amadurecimento surge outra alternativa muito importante à destruição: a construção baseada na capacidade de elaboração que está na base do brincar e no trabalho construtivo.

As crianças que sofreram algum tipo de privação ou deprivação podem, com um ambiente suficientemente bom, reelaborar as falhas que ocorreram em seu desenvolvimento. Essa condição envolve crianças abrigadas, adotadas e crianças detidas em instituição de reeducação. Entretanto, temos que compreender que essas crianças precisam necessariamente de um ambiente minimamente acolhedor a suas necessidades. Se preciso, com orientação de certo e errado com autoridade, sem ditadura e sem retaliação. Acolhimento aos *acting outs* e às dramatizações externas de destruição e ódio interno para a reversão do processo em ciclo benigno. As pessoas cuidadoras envolvidas com essas crianças precisam ter atingido, elas próprias, minimamente a posição depressiva, com capacidade de se colocarem no lugar do outro, sentirem culpa e se responsabilizarem tanto por suas atitudes como pelo compromisso que assumem com as crianças.

Para Winnicott, ter elaborado a posição depressiva inclui a possibilidade de brincar, baseada como é na aceitação dos símbolos e suas possibilidades infinitas; se tornar uma pessoa capaz de experimentar tudo o que se encontra em sua íntima realidade psíquica pessoal; ter relacionamento interpessoal; ter os impulsos afetivos se sobrepondo aos agressivos; ter desenvolvido confiança tanto na bondade interna como na das pessoas e do ambiente. Tanto na agressividade como no amor, se responsabilizar pelos resultados.

Bibliografia

WINNICOTT, Donald Woods. A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993a.

WINNICOTT, Donald Woods. Agressão, culpa e reparação. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

WINNICOTT, Donald Woods. Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993b.

WINNICOTT, Donald Woods. Agressão e suas raízes. In: WINNICOTT, Donald Woods. *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes, 1987a.

WINNICOTT, Donald Woods. As raízes da agressividade. In: WINNICOTT, Donald Woods. *A criança e seu mundo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

WINNICOTT, Donald Woods. Ausência de sentimento de culpa. *In: WINNICOTT, Donald Woods. Privação e delinquência.* São Paulo: Martins Fontes, 1987b.

WINNICOTT, Donald Woods. O desenvolvimento da capacidade de se preocupar. *In: WINNICOTT, Donald Woods. O ambiente e os processos de maturação.* Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

WINNICOTT, Donald Woods. O ódio na contratransferência. *In: WINNICOTT, Donald Woods. Textos selecionados: da pediatria à psicanálise.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993c.

WINNICOTT, Donald Woods. O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. *In: WINNICOTT, Donald Woods. Brincar e a Realidade.* Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu, Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.